

Franceses prevêem sérias dificuldades

Empresários estão céticos quanto ao relacionamento com o Brasil no futuro

REALI JÚNIOR
Correspondente

PARIS — Qualquer que seja o presidente eleito do Brasil, Fernando Collor de Mello ou Luiz Inácio Lula da Silva, enfrentará sérias dificuldades para a normalização das relações financeiras do País não só com o Clube de Paris, mas também com áreas governamentais e privadas da França, ligadas ao Tesouro francês e ao Ministério de Economia e Finanças. Isso ficou muito claro num seminário fechado do qual participaram 50 industriais e banqueiros que trabalham com o Brasil, organizado ontem em Paris, no Hotel Lutetia, pelo grupo Nord-Sul Consultant, uma empresa de consultoria internacional que se relaciona com o Brasil e outros países em desenvolvimento.

Os empresários franceses presentes, na sua maioria, saíram do encontro do Hotel Lutetia um pouco mais céticos com o que ouviram de áreas oficiais francesas, muitos já imaginando novas saídas, no plano internacional, diante da falta de perspectivas a curto e médio prazos.

O secretário do Clube de Paris, Samuel de Lajeneusse, disse que com os atrasos no Clube (cerca de 10% das prestações devidas) o Brasil acaba atirando no seu próprio pé. Esse comportamento provoca um atrito nas relações internacionais que deverá atrasar, consideravelmente, a reabertura da garantia Coface (agência francesa de seguros de créditos de exportação) para novos créditos de exportação.

Não se trata apenas da nova prioridade da França e outros países que integram o Clube de Paris, todos hoje com suas vidas voltadas para o Leste europeu, mas também de uma disposição de manter as atuais relações com o Brasil em banho-maria, deixando os industriais e banqueiros presentes convencidos de que uma

normalização não é para amanhã, mas, na melhor das hipóteses, só para depois de amanhã.

Dessa forma, ninguém deve esperar que, ultrapassado o período eleitoral, o Brasil possa normalizar rapidamente suas relações com a comunidade financeira européia. Enquanto essa orientação prevalece para o Brasil, o Clube de Paris e o próprio FMI estão sendo convidados pelos governos de países europeus, como França, Alemanha Federal e Grã-Bretanha, a acelerar projetos que favoreçam a concessão de créditos para os países em via de democratização do Leste, especialmente Polônia e Hungria.

Segundo um dos banqueiros presentes ao seminário de Paris, a Coface não apostava mais no comércio brasileiro, pelo menos a curto prazo. Acredita-se que a garantia Coface possa estar presente em alguns poucos grandes contratos, projetos de muito interesse da França, caso do satélite ou um eventual contrato para a venda de aviões Airbus, mas ela não será um instrumento normal das relações comerciais entre os dois países, como no passado. Um dos conferencistas deixou claro que não haverá reabertura, a curto e médio prazos, para operações correntes como importação de maquinaria pela indústria privada.

Os países do Leste europeu são uma nova esperança

Jacques de Lajugie, conselheiro-comercial da Embaixada da França no Brasil, chamou a atenção

para o problema interno do Brasil. Acredita que a questão da dívida interna seja mais importante do que a da dívida externa e está convencido de que o problema é também mais financeiro do que econômico. O representante do Unibanco em Paris, Jean Soublin, tratou de problemas relativos ao funcionamento do mercado monetário brasileiro, enquanto outros temas foram tratados por Pierre Sorbts, diretor da Coface e secretário do Club Pays — Brasil, presidido pelo empresário Jean Luc Lagardère.